

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Um basta ao derrotismo

O ministro da Economia, falando perante a Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga os problemas da fome no Brasil, identificou, com muita acuidade, a predominância, de forma generalizada, de uma visão derrotista da realidade nacional como moldura de uma crise de auto-estima, numa distorcida avaliação das tentativas e esforços empreendidos no sentido de reverter a adversidade que ora aflige a todos indistintamente. Observa o ministro Marcílio Marques Moreira que, ao apreciar os modelos bem-sucedidos, a tendência da maioria é no sentido de desacreditar o que se faz internamente, em vez de admirar o êxito alcançado. É verdade, a consciência da cidadania vem-se deixando dominar por uma síndrome de catástrofe, saturando de tons cinzas os horizontes para onde a Nação caminha, seguindo os determinismos de espaço e de tempo que compulsoriamente têm de ser vivenciados. Reconheceu o momento difícil que o País atravessa, desde que "nenhum brasileiro pode dormir com a consciência tranquila sabendo que outro brasileiro está indo para a cama com fome".

Em sua análise das causas de tal estado de coisas, o ministro da Economia criticou as opções adotados nos anos do após guerra, ao longo dos quais as prioridades eleitas beneficiaram equivocadamente o setor de transformação, relegando a planos secundários educação, saúde e agricultura. Hoje, ainda pela sua palavra, amarga o Brasil em atraso de mais de 20 anos em áreas essenciais, cuja defasagem o governo Collor busca resgatar.

Nesse sentido, com a adoção das medidas que o Presidente da República está adotando, notadamente nas políticas monetária e fiscal, procura-se reverter, pela austeridade na gestão e pela seriedade de seus fundamentos, um quadro perverso e reconciliar os brasileiros com

a prosperidade. Finalmente, o ex-embaixador do Brasil em Washington vê indicadores favoráveis nas tendências gerais dos preços, em processo de desaceleração, a demonstrarem que o pior já está passando, restando aos brasileiros acreditar e ter fé que dias melhores virão.

A resposta da sociedade, em termos de opinião pública, deve orientar-se a partir dos sintomas que hão de emergir das medidas amargas ora propostas no interesse de corrigir os descaminhos da economia e cujos resultados são de melhora e não de piora. Persistir nos erros, num adiamento que seguramente levaria ao caos, resultaria em crime de lesa-pátria que a história não perdoaria. Enfrentá-los, mesmo com sacrifícios generalizados, é a opção que o bem público exige, como forma única de repor o Brasil na rota do desenvolvimento social e econômico.

Para tanto, é inadiável uma tomada de posição individual que tenha reflexos coletivos, trazendo de volta a crença de todos no futuro, alicerçada nas certezas de que uma terra de 150 milhões de habitantes, com recursos naturais de extraordinárias dimensões de riqueza não pode render-se ante dificuldades efetivamente grandes, porém não insuperáveis em suas razões determinantes.

Não se pretende advogar uma postura alienada ou omissa diante de uma conjuntura que é grave e sombria em suas causas e efeitos a qual, no entanto, não deve fazer hesitante todo um povo com inequívocas conquistas afirmadoras de uma têmpera indomável. Resta, pois, acreditar no amanhã e batalhar por ele, voltando aos hábitos de luta que vem norteando os quase 500 anos de história, ao longo dos quais consolidou-se um espaço geográfico de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, estruturando-se o Brasil como oitava economia mundial.